



XI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação

Inovação e inclusão social: questões contemporâneas da
informação

Rio de Janeiro, 25 a 28 de outubro de 2010

GT 10: Informação e Memória

Modalidade de apresentação: Comunicação Oral

OS CONTADORES DE HISTÓRIA E A CONSTITUIÇÃO DE ACERVOS PARA A PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA COMUNITÁRIA

Lídia Eugenia Cavalcante

Universidade Federal do Ceará

José Gerardo Vasconcelos

Universidade Federal do Ceará

Resumo: Este texto objetiva estudar a construção da memória social do Pirambu, comunidade situada em Fortaleza – Ceará, mediante o uso de narrativas produzidas pelos moradores que habitam aquele bairro desde 1950. O estudo busca ainda situar a importância das experiências vividas e narradas para a constituição de acervos populares. Neste sentido, cita-se o Centro Popular de Pesquisa, Documentação e Comunicação do Pirambu, criado pelos próprios moradores, desejosos de manter viva a luta social, política e cultural do qual fizeram parte. Para elucidação dos conceitos trabalhados buscou-se a contribuição de autores como Benjamin (1994), Certeau (1994), Chartier (1996), Hobsbawm (1998), Nora (1993), Pollak (1992), Passerini (1996), Zumthor (1997), dentre outros. A introdução do uso da história oral representou o importante recurso metodológico utilizado na pesquisa, como fonte primária, através da coleta de depoimentos, aliado ao estudo dos documentos que fazem parte do acervo do Centro de Memória da comunidade. Em conclusão, assinala-se a importância do estudo das narrativas e da composição de acervos comunitários para a mediação entre situações vivenciadas no cotidiano e as práticas sociais que muito podem contribuir para a elucidação de fatos pesquisados e para dar visibilidade às histórias coletivas.

Palavras-chave: Memória social, Narrativas, Preservação da memória, Centros populares de memória



XI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação

Inovação e inclusão social: questões contemporâneas da
informação

Rio de Janeiro, 25 a 28 de outubro de 2010

INTRODUÇÃO

Miniaturas, entalhes em marfim, elaborados até o ponto de máxima perfeição; pedras perfeitamente polidas e esculpidas; laqueação ou pinturas em uma série de finas camadas transparentes são aplicadas umas sobre as outras – todos esses produtos de trabalho artesanal e sacrificante estão desaparecendo, e já se vai o tempo em que o tempo não importava. O homem moderno não se dedica mais ao que não pode ser abreviado.

Walter Benjamin¹

Michael de Certeau (1994, p.190) diz que "O memorável é aquilo que se pode sonhar a respeito do lugar;" lugares construídos na memória onde cenas vão sendo tecidas uma a uma, e cada fio, reconstituído em tramas diversas, permite ao homem o uso de metáforas e maneiras de passar para o outro suas lembranças, seu passado, os caminhos por ele percorridos e vividos. Por conseguinte, há um elo entre os fios. Ao falar de comemorações, monumentos, fatos, conquistas e lutas, os entremeios vão formando uma rede onde os laços aparecem e as experiências são comuns entre os atores.

Trilhando jardins e percorrendo os palácios da memória, no dizer de Santo Agostinho, este texto visa apresentar os percursos traçados pela comunidade Pirambu, localizada em Fortaleza, Ceará, para a construção de suas memórias coletivas, vivenciadas a partir dos anos de 1950 e transformadas em acervo, mediante a criação do CPDOC – Centro Popular de Documentação e Comunicação do Pirambu, enquanto espaço de sociabilidade, preservação e mediação.

O estudo sobre a memória social do Pirambu expressa a compreensão dos meandros das práticas comunitárias em relação às concepções do passado, no sentido de buscar elementos relativos às estratégias produzidas no calor das necessidades

¹ Benjamin vai buscar apoio para seu pensamento no poeta Paul Valéry, acerca do fato do contador de histórias trabalhar pacientemente com a substância de sua matéria, à medida que ele se move em direção do passado e acrescenta camada sobre camada à sua história. HARRITS, Kirsten, SHARNBERG, Ditte. Encontro com o “contador de histórias”: um processo de aprendizado mútuo. **História Oral**. Revista da associação Brasileira de História Oral. São Paulo, v. 3, n. 3, jun. 2000. p. 32.



XI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação

Inovação e inclusão social: questões contemporâneas da
informação

Rio de Janeiro, 25 a 28 de outubro de 2010

populares, diante das tensões vividas por uma comunidade, marcada pela exclusão, e da busca de mecanismos para superá-la.

Implica, portanto, reconhecer o papel social da memória, que busca fundamentar o cotidiano e às suas ações em grupo, estabelecendo, assim, contatos que correspondem à ansiedade coletiva de legitimidade para ganhar força e valor perante a sociedade.

É importante ressaltar o fato de o estudo da memória social e os trabalhos com a história oral terem se aproximado dos bairros e das periferias urbanas brasileiras, o que ocorreu justamente nas últimas décadas, quando as comunidades passaram a desenvolver formas alternativas de sociabilidade, a partir da construção de uma identidade coletiva que evidencia a cultura local e uma preocupação maior com as questões políticas no campo do movimento social.

Esse cuidado com a construção da memória tem sido evidenciado, há algum tempo, entre os moradores de bairros populares, a exemplo da criação do Centro de Memória do Pirambu, em Fortaleza, que se transformam em experiências-modelo para outras comunidades. Esta questão é apresentada na análise de Marieta de Moraes Ferreira ao observar que o desenvolvimento de tais projetos comunitários encontra-se favorecido pela abertura política no País. Isto tem possibilitado a que os grupos desenvolvam novas estratégias para pensar o passado e a sua relação com o tempo presente, valendo-se de experiências que podem ser vistas como possibilidades às práticas cotidianas. (FERREIRA, 1998, p. 25). Muitas vezes, o trabalho é iniciado pelos próprios moradores através de suas lideranças e associações comunitárias, e acabam recebendo o apoio de prefeituras, universidades ou de governos para o financiamento dos projetos.



XI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação

Inovação e inclusão social: questões contemporâneas da
informação

Rio de Janeiro, 25 a 28 de outubro de 2010

Geralmente, tais iniciativas populares encontram-se relacionadas às lutas e reivindicações sociais que mereceram significativa preocupação por parte dos moradores mais antigos e que os levaram a tomar um posicionamento que marcou, de alguma maneira, o passado e são motivos de orgulho. Nesse sentido, uma das preocupações mais comuns que deram origem a reivindicações significativas foi a defesa da moradia sempre ameaçada pela especulação imobiliária ou por tratar-se de terrenos apossados, tornando a mobilização necessária para evitar a expulsão. Quando o perigo de expulsão se agrava, os moradores lançam mão de estratégias que acabam por identificar suas lutas sociais.

Outra questão que leva as lideranças comunitárias à tentativa de construção e de "resgate" de uma memória social é a preocupação com o que eles chamam de *desenraizamento*, isto é, a perda do relacionamento com as raízes, a cultura, as crenças e os valores. Esta situação ocorre, sobretudo, em consequência de uma conjuntura social profundamente desigual e excludente, que leva crianças e jovens das periferias urbanas brasileiras a buscar alternativas de sobrevivência, cuja característica principal é o apelo à violência e à marginalidade, na maioria das vezes, em decorrência das dificuldades ocasionadas por desagregação familiar, desemprego e afastamento da escola.

São múltiplas as implicações que levam as comunidades a essa preocupação; implicações que vão desde a necessidade de lembrar o passado e recontá-lo, passando por questões que são mais graves, como o processo de *desterritorialização*, o *desenraizamento* e as condições econômicas, sociais e de dominação política,



XI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação

Inovação e inclusão social: questões contemporâneas da
informação

Rio de Janeiro, 25 a 28 de outubro de 2010

sempre presentes. Estes fatores ocasionam ações e práticas cotidianas que preocupam as bases dos movimentos sociais, mas que também os renovam e oferecem possibilidades plurais de emancipação e dos indivíduos se expressarem, compondo, assim, um cenário político de novos atores, onde se descortinem modos diferentes de sociabilidade.

O interesse em pesquisar a memória social do Pirambu, mediante o estudo das fontes orais e dos documentos que fazem parte do acervo do CPDOC, se expressa pela vontade de narrar um projeto diferenciado pela consciência comunitária do valor da memória e da preservação do vivido. Por conseguinte, assinalam-se no processo de constituição dessas vivências, situações específicas de lutas urbanas, migração rural, falta de emprego, escola e moradia e pelos efeitos devastadores das secas no interior do Ceará, que anualmente levavam multidões de famílias rumo à capital do Estado.

1 MEMÓRIA E NARRATIVA: OS PERCURSOS TEÓRICOS DA PESQUISA

A pesquisa sobre a memória social do Pirambu, cujo recorte se dá a partir dos anos de 1950, pode ser considerada como história do tempo presente, especificamente se as fontes utilizadas são narrativas obtidas por depoimentos orais de seus moradores. É evidente que, mesmo se tratando de questões do tempo presente, estas suscitem problemas históricos que precisam ser pesquisados, sem limitar-se apenas aos fatos mais próximos ou contemporâneos ao pesquisador. É preciso buscar vestígios a serem, por exemplo, acrescentados à memória de depoentes, registros de acontecimentos por eles narrados, e fazer relações, encontrar laços e compartilhamentos que auxiliem no desenvolvimento da pesquisa e na construção da memória.

Não é por acaso que a memória vai reconstituindo passo a passo o caminho traçado pelos sujeitos em diferentes etapas de sua trajetória no mundo, revelando formas, sensações e lugares que se voltam para o presente e se contrapõem à medida que são



XI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação

Inovação e inclusão social: questões contemporâneas da
informação

Rio de Janeiro, 25 a 28 de outubro de 2010

revelados e que os atores fazem comparações e buscam os elos existentes. O que pode ser constatado nos depoimentos, quando os depoentes iniciam suas falas com frases do tipo: no meu tempo não era assim..., naquele tempo não existia isso..., hoje tá tudo muito diferente...

Estas construções discursivas, de certa forma, revelam a busca do reconhecimento de um passado em que eles tiveram a oportunidade de vivenciar, de modo menos contemplativo e mais atuante, a participação na sociedade, e ainda, o pensamento de que as mudanças ocorridas nos últimos tempos causam um sentimento de estranheza e não de pertença. Na realidade, essas pessoas se apegam às lembranças como verdadeiros "guardiões da memória", e são respeitados por essa importante tarefa, de reconstruir através da fala, trilhas que ajudam a encontrar os sentidos da existência.

Roger Chartier (1996, p.216), ao tratar sobre a história do tempo presente, assinala que,

... essa história inventou um grande tema, agora compartilhado por todos os historiadores, seja qual for o período de sua predileção: o estudo da presença incorporada do passado no presente das sociedades e, logo, na configuração social das classes, dos grupos e das comunidades que as constituem. Os numerosos trabalhos dedicados às modalidades de construção, de institucionalização e de expressão da, ou melhor, das memórias contemporâneas foram decisivos para o início de novas pesquisas que, em todos os períodos históricos, tentam identificar, além do mero discurso histórico, as formas múltiplas e possivelmente conflitantes de rememoração e utilização do passado.

De acordo com Hobsbawm, “uma das principais vantagens para os pesquisadores que se dispõem a escrever a história do século XX, é o mero fato de saber, sem esforço especial, *o quanto as coisas mudaram*. Os últimos trinta ou quarenta anos constituem a era mais revolucionária da história escrita.”(1998, p.247)

**Luisa Passerini vê no presente uma “lacuna” entre o passado e o futuro.
Segundo essa autora,**

A lacuna não é um mero intervalo, mas um campo de forças gerado pelo esforço do homem para pensar [...] a história – em particular a história do tempo presente – pode contribuir para criar a lacuna que cada geração



XI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação

Inovação e inclusão social: questões contemporâneas da
informação

Rio de Janeiro, 25 a 28 de outubro de 2010

nova, cada ser humano deve descobrir e preservar mediante um trabalho assíduo.(1996, p. 214)

O narrador passa a ser, nesse caso, uma fonte de informação para a constituição de acervos e para o desenvolvimento de pesquisas, muitas vezes desprezada, oprimida e suprimida, ao revisar as imagens de um tempo por ele vivido. Ao buscar laços com a memória nas suas lembranças, percebe-se não apenas o depoente, mas o contador de história, reflexivo, intuitivo, que seleciona o que contar, improvisa ao narrar, cria entonações diferentes de voz, suprime, denuncia e apresenta atos heróicos.

“A memória recupera o vivido”, diz Paul Zumthor (1997, p.15). É a ela que a sociedade, ou mesmo o indivíduo, recorre para manter o passado próximo ao presente pelo ato de lembrar. Assim, permite que se mantenha a vida, seja pessoal, de um grupo, comunidade, sindicato ou movimento popular. A palavra, no momento em que é pronunciada, recupera percursos, transpõe tempo e espaço e se integra às tradições, o que gera um elo entre duas categorias distintas: *experiência* e *expectativa*. “A primeira sugere o passado, a segunda, o futuro e ambas parecem querer entrelaçar-se como dois pólos através dos quais a consciência da modernidade se pensa e projeta os seus futuros.” (BRANDÃO, p. 29)

Harrits e Sharnberg, ao lerem Benjamin, dizem que ele

... faz uma distinção entre informação e contar histórias, e vê nesta relação uma luta pela supremacia. Hoje em dia, quase nada que acontece beneficia o contador de histórias; quase tudo beneficia a informação. Na verdade, metade da arte de contar histórias consiste em manter uma história livre de explicações quando a reproduzimos.”²

² É interessante notar que já no final da década de sessenta, quando foi publicada a obra de Walter Benjamin citada pelos referidos autores “*The Storyteller*”, ele já preconizava o valor excessivo dado à informação, carregada de explicações, fatos, dados, datas, etc. “O contador de histórias de Walter Benjamin pode ser descrito como o narrador clássico, que vive onde é executado um ofício, em coordenação entre ‘alma, olho e mão’, que remonta a um tempo tão antigo na história quanto a era do mito. Mas até onde irá, no futuro? No que concerne a Benjamin, a figura do contador de histórias está se esvaecendo no ritmo da gradual extinção dos ofícios e do trabalho ‘por conta própria’. Ele não questiona se o trabalho assalariado pode dar ao contador de histórias uma nova imagem em que a antiga possa ser inserida. (HARRITS e SHARNBERG, p. 28).



XI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação

Inovação e inclusão social: questões contemporâneas da
informação

Rio de Janeiro, 25 a 28 de outubro de 2010

Ainda para esses autores,

No momento em que a imagem é liberada, o contador de histórias se sente como um jovem no espaço e no tempo, de tal forma que anula-se a dicotomia, não apenas entre passado, presente e futuro, mas entre corpo e alma.

... O contador de história é provavelmente a pessoa que mais irá refletir sobre sua experiência, porque é ele quem vai lhe dar forma. (HARRITS e SHARNBERG, p. 30).

Nos tempos atuais, percebe-se um retorno à narrativa, que procura integrar o contador de histórias para além das experiências individuais ao contexto da memória construída socialmente, na qual sua participação, individual e reflexiva, toma rumos relacionados à memória do outro, de andanças que se cruzam no meio da caminhada.

É justamente a expansão da narrativa, isto é, quando o contador se afasta da própria história de vida, das experiências individuais para aproximar-se das experiências do outro, que ele a transforma em memória coletiva e abarca todo o grupo, etnia, família, comunidade ou classe social, habitantes de um mesmo espaço e tempo.

A respeito da memória, pode se afirmar que se trata de uma construção sempre inacabada. Essa atividade cada sujeito realiza a partir das suas condições de inserção no mundo social, suas singularidades, que interferem, fortemente, nos sentidos da leitura de qualquer evento. Pode também ser vista sob um olhar que vê além do espaço geográfico e analisa os lugares pelo viés da construção da memória social. Trata-se, portanto, de amplo e vasto campo de estudo a respeito do passado, do presente e do futuro, de homens e mulheres, que caminham e criam suas histórias em torno dos lugares, das relações sociais e das batalhas que travaram, que voltam seus olhos para contemplar as extensões do caminho e as trilhas que se tornaram estradas para longas caminhadas, por terrenos onde os desejos e as conquistas viraram recordações.

Nesse contexto, há um emaranhado de experiências humanas que teimam em se confundir com os lugares geográficos e os lugares de memória, por onde se exprimem as tensões decorrentes da insistência para habitar um mesmo espaço geográfico e um mesmo tempo histórico, a exemplo do Pirambu.

A memória alimenta-se de um jogo. Os jogadores são seus protagonistas que se desdobram para mantê-la em evidência, viva, presente, memorável e, muitas vezes,



XI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação

Inovação e inclusão social: questões contemporâneas da
informação

Rio de Janeiro, 25 a 28 de outubro de 2010

heróica. Nesse jogo, há a sedução da palavra elaborada, rebuscada, pensada, teatralizada, que a deixa mais aguçada. De acordo com Pierre Nora (1993, p.14), “A necessidade de memória é uma necessidade da história.” Tanto a memória da palavra dita, quanto aquela registrada e materializada nos arquivos onde ela se deposita.

Hobsbawm (1998, p. 22) , ao se posicionar acerca do que representa o passado, afirma: "Todo ser humano tem consciência do passado (definido como o período imediatamente anterior aos eventos registrados na memória de um indivíduo) em virtude de viver com pessoas mais velhas."

Ao levar em consideração os conceitos relacionados com o estudo da memória, como aqueles discutidos por Michael Pollak (1992), tratar-se-á aqui, sobre o que o autor chama de "memória quase herdada", com base na relação que há entre o presente e o passado, a partir das narrativas de seus "guardiões da memória" levadas aos seus "herdeiros".

Para Pollak, há acontecimentos que, mesmo sem terem sido vividos por determinadas pessoas, que não se situem no mesmo espaço-tempo, elas os incorporam como se fizessem parte de suas memórias (herdeiros). Este fato ocorre, tanto pelo sentimento de pertença como pelo fato de serem estimulados a isso, através da narrativa dos mais velhos (guardiões) e de freqüentarem os mesmos monumentos e lugares, bem como criando espaços que legitimam tais memórias como o CPDOC.

São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou mas que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não.[...] É perfeitamente possível que, por meio da socialização política, ou da socialização histórica, ocorra um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase herdada.(POLLAK, 1992 p. 14)

Alessandro Portelli (1996), entretanto, indica que é possível perceber a existência de certo controle social sobre a forma como a memória se articula e os



XI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação

Inovação e inclusão social: questões contemporâneas da
informação

Rio de Janeiro, 25 a 28 de outubro de 2010

acontecimentos e as experiências vividas são narrados. É inevitável que partam de uma ideologia previamente determinada, especialmente aquela ligada a uma memória e a um pensamento político, o que não a torna imune às intervenções, distorções e a incorporação de novos elementos. É aí que entrará o fator negociação, de modo que a memória possa ser devidamente articulada entre seus atores sociais, sobretudo na questão de como o grupo espera que ela seja enquadrada.

Segundo Michael Pollak (1992, P. 206),

Além do trabalho de enquadramento da memória, há também o *trabalho da própria memória em si*. Ou seja, cada vez que uma memória está relativamente constituída, ela efetua um trabalho de manutenção, de coerência, de unidade, de continuidade, da organização. [...] é preciso realizar o trabalho de rearrumação da memória do próprio grupo.

O fato de recordá-la sempre e recontá-la, de conquistar novos adeptos, de construir pontes e relacionamentos e de torná-la heróica, faz com que a procura se torne crescente, reforçando os sentimentos de pertença, assim como a vontade de conhecê-la. O que esses indivíduos estão experimentando é a experiência de fazer uma releitura sobre o passado, através da memória, privilégio de poucas comunidades. Essa nova leitura está acompanhada de reflexões e valores que surgem no cotidiano, mas que os instigam ao questionamento, mesmo que tenham que se adequar a outra visão de mundo e interesses.

Há, portanto, diferenças entre as leituras que se faz desse passado, na forma como ele é lido, lembrado e narrado pelos atores e testemunhas dos acontecimentos vividos e aqueles que os herdaram. A diferença maior está na presença de elementos



XI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação

Inovação e inclusão social: questões contemporâneas da
informação

Rio de Janeiro, 25 a 28 de outubro de 2010

diferenciadores, com base nas mudanças e estruturas de uma nova realidade social, apoiada em valores e crenças que se manifestam em outras perspectivas de reconstrução, na forma como as lembranças os representam no cotidiano, levando-os a recriarem os entremeios, de acordo com uma nova percepção relativa aos acontecimentos relidos.

2 OS NARRADORES DA MEMÓRIA DO PIRAMBU E A CONTITUIÇÃO DE ACERVOS

O Pirambu é uma comunidade urbana, localizada na zona oeste da cidade de Fortaleza – Ceará, distando aproximadamente 5 (cinco) quilômetros do centro da cidade, numa antiga área de marinha e de alguns outros proprietários de posse do Estado, hoje considerada de propriedade comunitária, segundo o decreto nº 1.058, de 25 de maio de 1962, que declara tais terras de utilidade pública para execução de plano habitacional, em favor de seus moradores. Possui enorme densidade demográfica, com população de aproximadamente 270 mil habitantes integrando o chamado “Grande Pirambu” composto pelos bairros Nossa Senhora das Graças, Cristo Redentor, Colônia, Tirol e Quatro Varas.

O Pirambu, habitado por migrantes provenientes das zonas rurais em sua maioria, operários das fábricas instaladas próximas ao Bairro e por pescadores que viam na pesca a única forma de sobrevivência, torna-se um dos bairros mais miseráveis da periferia de Fortaleza nos anos de 1950, concentrando grande quantidade de problemas sociais. Assim, uma população urbana, pobre e marginalizada, submetida a difíceis posições sociais, proveniente do interior do Ceará vai, aos poucos, tendo que construir outras formas de subsistência, diferentes daquelas deixadas no sertão. É uma situação que se torna inevitável como consequência das novas práticas sociais a que se sujeita.



XI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação

Inovação e inclusão social: questões contemporâneas da
informação

Rio de Janeiro, 25 a 28 de outubro de 2010

A pesquisa ora apresentada traz os resultados do trabalho investigativo através de fontes orais, privilegiando, como opção metodológica, os depoimentos de moradores que vivenciaram o cotidiano da comunidade entre os anos de 1950 e 1960, se constituindo em fontes valiosas pelas possibilidades de reconstruírem tal espaço e por representarem um dos poucos caminhos à construção da memória social do Bairro. Além dos depoimentos, foram também utilizados como fontes os documentos que fazem parte do acervo do CPDOC – Centro Popular de Pesquisa, Documentação e Comunicação, criado na comunidade no ano de 1992 mediante ação comunitária.

A construção do ideário comunitário no Pirambu começa, principalmente, a partir da luta construída dentro do movimento popular e suas representações, como manifestações de uma comunidade que ousou desafiar a pobreza, a miséria urbana, a fome e o descaso das autoridades em prol da dignidade humana e do reconhecimento social. O movimento popular no Bairro, como em outras periferias urbanas brasileiras e em muitas comunidades rurais, cresce justamente no período em que a Igreja Católica reelaborara o seu discurso, buscando maior popularidade e passando a inserir-se em importantes questões, visando à promoção e à justiça social das camadas mais pobres do País. Essa reação da Igreja ocorrera a partir dos primeiros anos da década de 1950, despertando seus membros para a necessidade de uma presença mais efetiva e concreta no meio do povo.

Assim, por volta de 1953, imbuído pelos novos ideários da Igreja de aproximar-se dos pobres, o padre Hélio Campos, então vigário da paróquia de São Francisco de Assis, no bairro Jacarecanga, começa a atuar no Pirambu. E o Bairro ganha um novo aliado na luta por moradia e demais questões sociais. Então, o trabalho social cristão que ali se iniciara acaba por transformar-se em uma prática pioneira e histórica no movimento social do Ceará. A disposição e a liderança do padre Hélio Campos para o trabalho social comunitário, inspirado que estava o Sacerdote pelas mudanças ocorrentes dentro da Igreja, internacionalmente, resultam na elaboração de um projeto que objetivava fornecer à comunidade mecanismos de luta e de redefinição de um modelo de trabalho social cristão, concretizado através da criação do Centro Social e Paroquial Lar de Todos.



XI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação

Inovação e inclusão social: questões contemporâneas da
informação

Rio de Janeiro, 25 a 28 de outubro de 2010

O Centro Social e Paroquial Lar de Todos, após difícil negociação com a Prefeitura de Fortaleza, foi instalado no dia 8 de dezembro de 1956, no prédio construído para abrigar o Grupo Escolar dr. Odorico de Moraes, pelo Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP), em convênio com a Prefeitura, e que se encontrava desativado.

Como se pode observar, a memória alimenta-se de um jogo. Os jogadores são seus protagonistas, que se desdobram para mantê-la em evidência, viva, presente, memorável e, muitas vezes, heróica. Nesse jogo, há a sedução da palavra elaborada, rebuscada, pensada, teatralizada, que a deixa mais aguçada. De acordo com Pierre Nora (1993, p.14), “a necessidade de memória é uma necessidade da história,” tanto a memória da palavra dita, quanto aquela registrada e materializada nos arquivos onde ela se deposita.

James Fentress e Chris Wickham (1992, p. 243) afirmam que, "A história da memória é também a história da sua transmissão". De fato, ao longo da construção da memória de uma comunidade, novos elementos vão sendo incorporados, outros dados fornecidos e agrupados, assim como o interesse por ela pode crescer ou diminuir. Todavia, é o trabalho de manutenção e a criação de acervos, que fará com que ela se torne referência à coletividade, bem como fornecerá o grau de aceitabilidade e continuidade por parte de um grupo.

A memória social parece estar efectivamente sujeita à lei da oferta e da procura: há que fornecer memórias; as memórias devem surgir em pontos específicos. Mas para sobreviverem para além do presente imediato e, especialmente, para sobreviverem na transmissão e na troca, têm que corresponder a uma procura. (FENTRESS e WICKHAM, 1992, p. 243)

Sob aspectos relativamente diferentes, as visões da memória vão tomando rumos distintos; enquanto uns pensam somente na preservação de acontecimentos, outros esperam que, através dela e de uma identidade social construída coletivamente,



XI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação

Inovação e inclusão social: questões contemporâneas da
informação

Rio de Janeiro, 25 a 28 de outubro de 2010

se possa gerar uma bandeira de luta a favor não somente da preservação, mas, principalmente, em torno de uma consciência política, para além do fenômeno ocorrido no passado, com possibilidade de se fazer ouvir por aqueles que têm nas mãos o poder de decisão.

3 PERCURSOS METODOLÓGICOS E TRABALHO COM AS FONTES

Além dos documentos, das várias fontes escritas localizadas no CPDOC, a memória do Pirambu se reconstrói especialmente pelos depoimentos de moradores, ex-diretores de escolas, ex-professores, ex-alunos, representantes de igrejas e de movimentos sociais que, voluntariamente, compartilham suas experiências para a constituição dos acervos comunitários, recolhidos, gravados e transcritos disponibilizados para consulta no CPDOC.

Hobsbawm alerta sobre a problemática de se trabalhar a “história do tempo presente”, pelas dificuldades que podem surgir ao longo de um percurso previamente conhecido pelo pesquisador, que habita o mesmo tempo cronológico pesquisado. Em relação ao trabalho com as fontes, entretanto, o autor assegura:

Pouco tenho a dizer sobre a limitação mais óbvia do historiador contemporâneo, ou seja, a inacessibilidade de certas fontes, porque isso me parece estar entre o menor de seus problemas. Claro que todos nós podemos pensar em casos onde tais fontes são essenciais [...] Em todo caso, o problema fundamental para o historiador contemporâneo em nosso tempo infinitamente burocratizado, documentado e inquiridor é mais um excesso incontrolável de fontes primárias que uma escassez das mesmas. [...] Inadequação de fontes é a última coisa de que podemos nos queixar. (1998, p. 253-254)

Por conseguinte, o que demanda zelo especial, é o fato de lidar com “fontes humanas”, isto é, buscar em testemunhas dessa história a versão, o sentimento, as narrativas, experiências de pessoas que abrem as portas de suas memórias para contar o que vivenciaram sobre o objeto pesquisado, como as memórias de Maria Moça, vinda do Crato ainda bem jovem, considerada a primeira professora do Pirambu.

Paul Thompson (1992), em seus estudos, diz que a história oral apresenta-se como forma imediata de registro. Uma vez que pesquisador e entrevistado encontram-se frente-a-frente, esse encontro, no processo de pesquisa empírica propriamente dita, trará fortes evidências que podem transmitir ideias e sentimentos não obtidos no documento escrito.



XI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação

Inovação e inclusão social: questões contemporâneas da
informação

Rio de Janeiro, 25 a 28 de outubro de 2010

Por tratar-se de um estudo que pode ser enquadrado em história do tempo presente trabalharam-se também algumas questões nessa linha, que levam em conta as dimensões do cotidiano, da memória ainda vivida, suscitando indagações sobre os períodos recentes inseridos na história, através da memória compartilhada de atores que viveram um mesmo tempo histórico e fizeram as mesmas andanças em terras do Pirambu.

A introdução do uso da história oral representou o importante recurso utilizado, como fonte, através da coleta de depoimentos. Primeiro porque a memória social do Bairro é praticamente construída através dos depoimentos de seus moradores mais antigos e das lideranças comunitárias; segundo porque ela pode suscitar debates, esclarecer trajetórias individuais e sociais e trazer discussões que enriquecem as análises, indagações e leituras das experiências e saberes produzidos na comunidade, possibilitando também uma abordagem mais cotidiana e próxima dos atores sociais e das cenas por eles vividas, atenta às maneiras de cada um ver, sentir e analisar individualmente os percursos da memória social; e um terceiro motivo, porque estabelece uma relação entre o pesquisador e os narradores, indispensável a uma realidade contemporânea.(AMADO, 1996)

Assim, as fontes orais representam, nesta pesquisa, um “núcleo de investigação” metodológica, não uma parte acessória³, que possibilita conhecer e compreender situações vividas e que não se encontravam registradas nos documentos escritos no âmbito da história do Ceará. A temática das entrevistas versou sobre as lembranças que os entrevistados têm sobre a vida no Pirambu, o cotidiano, sua participação naquele contexto, o movimento católico que ocasionou a criação do centro comunitário, o trabalho social e assistencialista ali desenvolvido e o que representou a

³ Janaína Amado e Marieta de Moraes Ferreira ao fazerem a apresentação da coletânea **Usos e abusos da História Oral**, tratam do *status* da história oral citando as teorias apresentadas na obra: MIKKA, Ian. What on Earth is oral history? In.: ELLIOT, James K. (ed.). **New trails in history**. Sidney: Australian Press, 1988. O autor reivindica que “o testemunho oral representa um núcleo de investigação, não uma parte acessória; isso obriga o historiador a levar em conta perspectivas nem sempre presentes em outros trabalhos históricos, como por exemplo as relações entre escrita e oralidade, memória e história ou tradição oral e história.”



XI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação

Inovação e inclusão social: questões contemporâneas da
informação

Rio de Janeiro, 25 a 28 de outubro de 2010

formação obtida naquele momento. Uma vez que a experiência de vida das pessoas possa ser utilizada como matéria-prima, a história ganha nova dimensão, assegura Thompson (1998, p. 25). “A entrevista propiciará, também, um meio de descobrir documentos escritos e fotografias que, de outro modo, não teriam sido localizados”. No caso dos fragmentos da memória (ou memórias) em estudo, colhidas através dos depoimentos destacaram-se importantes vestígios e pistas que levaram à obtenção de informações preciosas para esta investigação, como o fato das aulas das Escolas Radiofônicas terem sido transmitidas pela Rádio Assunção, e sobre a comunidade funcionar como uma espécie de extensão da Escola de Serviço Social da Universidade do Ceará, àquela época.

Em termos de fontes documentais sobre a história do Pirambu ainda há muito material a ser trabalhado. Entretanto, boa parte do que há documentado sobre este tema faz parte dos estudos realizados pelas alunas do curso de Serviço Social, que tinham ali um verdadeiro laboratório do serviço social comunitário em vigor aquela época. Tal fato leva a refletir sobre os cuidados que é preciso ter no uso e tratamento dessas fontes, já que se trata de estudos de caráter *edificante*, frutos de uma missão cumprida ou a ser cumprida, cuja característica principal era um idealismo em favor do pobre, do desassistido, do oprimido, da formação moral, da edificação da alma e da caridade, para garantir, através das práticas assistenciais, a prevenção dos males sociais, entre eles a falta de escolas.

O CPDOC – Centro Popular de Pesquisa, Documentação e Comunicação do Pirambu constituiu-se local por excelência deste trabalho investigativo para pesquisar na documentação sobre o bairro, dada às seguintes possibilidades: fontes guardadas em seu acervo, acesso aos jornais sobre a memória social, política e educacional do Pirambu, acesso às entrevistas realizadas pelo Centro e ainda, no que tange ao trabalho de pesquisa com as fontes, são de grande relevância os arquivos de fotos, fitas de vídeo relativas às festas e eventos nas escolas e na comunidade, bem como algumas monografias que, apesar de perspectivas distintas, possibilitaram situar acontecimentos ali vividos e a construção dos acervos sob perspectivas diversas.



XI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação

Inovação e inclusão social: questões contemporâneas da
informação

Rio de Janeiro, 25 a 28 de outubro de 2010

Foram ainda localizadas cerca de 50 pesquisas de cunho acadêmico, monografias e dissertações escritas entre 1959 e 1992, que fazem parte do acervo do CPDOC e tratam de questões como assistência social, habitação, o papel da Igreja Católica, a Marcha de 1962 e o movimento associativo. Também de especial relevância é a crônica do jornalista e escritor Jader de Carvalho, intitulada “Aldeota”, escrita no ano de 1962, na qual o autor faz uma descrição do movimento popular da época e da atuação do padre Hélio no Pirambu, além de situar o Bairro no contexto social de Fortaleza de então.

É importante destacar também os vários trabalhos produzidos pelos próprios moradores e escritores do Pirambu. São escritos poéticos, ficcionais e de caráter político, como por exemplo, “Passado - presente – Brasil”, de Gerardo Damasceno, romance e documentário que trata sobre o Pirambu e as perseguições sofridas por seus moradores durante a ditadura militar. Cita-se, ainda, a publicação do CPDOC, editada em 1999, **Historiando o Pirambu** que, segundo seus idealizadores, significa o resultado de um esforço preliminar de compilar dados do acervo e levá-los para as escolas, associações e grupos de reflexão. Esperam, a partir de então, dar início a um diálogo entre os moradores com a seguinte pergunta: Qual é a sua história sobre o Pirambu?

A produção bibliográfica sobre o Pirambu é muito rica. Nesse sentido, cita-se também **O Reverso das vitrines: conflitos urbanos e cultura política em construção**, de Irllys Barreira, que faz um estudo sobre o movimento popular do Pirambu, juntamente com o de outros bairros de Fortaleza, e trata sobre a organização dos moradores na luta pela posse da terra. Sobre o Pirambu é também a tese de doutorado realizada na França pelo historiador cearense Antônio de Pádua Santiago.

Mediante essa riqueza de fontes orais e outros documentos, buscou-se, assim, compreender as tramas e os enredos da memória social construída no Pirambu, relacionando indícios, fragmentos e narrativas para compor uma parte da história cearense, mediante a constituição de acervos comunitários.



XI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação

Inovação e inclusão social: questões contemporâneas da
informação

Rio de Janeiro, 25 a 28 de outubro de 2010

Sob essas perspectivas, observa-se que não é incomum a localização de acontecimentos importantes, de uma micro-história⁴, dentro de um contexto mais amplo, que tendem a ser dissolvidos, ou absorvidos em alguns casos e, em outros, acabam contribuindo para elucidar fatos pouco pesquisados. Para Giovanni Levi (1992, p.135), estudioso da micro-história,

Toda ação social é vista como o resultado de uma constante negociação, manipulação, escolhas e decisões do indivíduo, diante de uma realidade normativa que, embora difusa, não obstante oferece muitas possibilidades de interpretações e liberdades pessoais.

A redução da escala para estudar e ou descrever uma determinada estrutura social não reduz o objeto em estudo, nem o afasta de um sistema mais amplo. Segundo esse autor, “... mesmo a ação aparentemente mais insignificante, como por exemplo a de alguém sair para comprar um pão, realmente envolve o sistema bem mais amplo dos mercados de grão de todo o mundo.” Assim, não se pode reduzir o estudo da memória social do Pirambu como um fato isolado de acontecimentos históricos de longo alcance, mas parte de um processo unificador da micro-história, que o relaciona com outros acontecimentos: a política nacional e internacional, as mudanças ocorridas na Igreja, a cultura, etc. Desse modo, não se trata de uma análise isolada que rejeita as aproximações com um sistema mais complexo, pelo contrário, considera-se essencial as pontes de relacionamentos que definem os acordos e contratos de uma abordagem mais ampla que se aproxima do objeto em análise, justificando a constituição de acervos, que contribuirão para a elucidação de vários objetos de pesquisa.

Como se observou no decorrer da pesquisa, a movimentação social, religiosa e política ocorrida no Pirambu se dá por meio de um intenso trabalho educativo como: a

⁴ Para Giovanni Levi, “A micro-história como prática é essencialmente baseada na redução da escala da observação, em uma análise microscópica e em um estudo intensivo do material documental. Essa definição já suscita possíveis ambigüidades: não é simplesmente uma questão de chamar a atenção para as causas e os efeitos do fato, de dimensões diferentes coexistirem em cada sistema social; em outras palavras, o problema de descrever vastas estruturas sociais complexas, sem perder a visão da escala do espaço social de cada indivíduo, e a partir daí, do povo e de sua situação na vida.” LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. In.: BURKE, Peter (org.). **A Escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: UNESP, 1992. p. 136.



XI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação

Inovação e inclusão social: questões contemporâneas da
informação

Rio de Janeiro, 25 a 28 de outubro de 2010

formação de lideranças comunitárias, a criação de um centro social, escolas, catequese, cursos profissionalizantes, escolas radiofônicas, atuação do MEB, atividades que culminaram num reconhecido movimento social que se tornou referência e se destaca por meio das mais de cem associações comunitárias registradas naquele bairro, inclusive com a criação do e Centro Popular de Pesquisa e Documentação – o CPDOC, no ano de 1992.

CONCLUSÃO

A relação entre memória e cotidiano apresenta suas fissuras e a elas, é preciso que se dê bastante atenção, porque o trabalho de justificação dessa memória, para ganhar força no sentido de continuidade, vai depender de como o futuro está se construindo para os indivíduos, diante da realidade e das transformações sociais que a sociedade está vivenciando, seus valores, crenças, mitos, interesses, condições de vida, ideais e participação social. São questões como estas que interferem na construção efetiva da memória social.

O pesquisador, artífice de seu trabalho, é um recolhedor de conchas, junta-as na areia da praia em fins de tarde. Conchas de diferentes tamanhos, cores e formas pouco perceptíveis, uni-as num laborioso trabalho artesanal e transforma-as em arte, aquilo que já é arte. Uma arte em outra arte. Recolher preciosas conchas da memória, das imagens, das palavras, das lembranças esse é o papel no qual nos incluímos na busca do entendimento de questões que auxiliam a compreensão de fenômenos sociais.

É interessante perceber que se vivem dois tempos diferentes: um marcado pela velocidade atordoada da informação instantânea, on-line, massificada, sem identidade; e outro da sonolência da informação rememorada, buscada nos “palácios da memória”



XI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação

Inovação e inclusão social: questões contemporâneas da
informação

Rio de Janeiro, 25 a 28 de outubro de 2010

como diz Santo Agostinho, com calma, sem pressa, pensada, selecionada, conversação pausada entre um gole de café e outro, momentos feitos de silêncios. A quem servirá esse laborioso trabalho? Estudar a constituição de acervos comunitários mediante o uso de narrativas e de excesso de fontes documentais, a nosso ver, ainda é um trabalho artesanal, em que poucos se aventuram, é garimpar entre reminiscências, notícias de velhos jornais e arquivos familiares, de modo a compreender o que pode levar uma comunidade a reunir relatos e materiais desse vivido, o que querem guardar e para quem deixar.

A memória também ocorre no terreno das ambiguidades, assim como se condiciona a uma hierarquia de poder, percebida no modo como ela é transmitida e preservada. São os mecanismos de transmissão que auxiliam, em grande medida, a conservação das imagens que se tem do passado, capaz de legitimar a ordem social na qual se estabeleceu. Dessa forma, é que a memória do Pirambu foi se constituindo, de modo hierarquicamente pensado, como resquícios de vivências internalizadas de práticas que também passaram por processos de dominação, consciente ou inconsciente, mas que não se deixaram oprimir.

Como exemplo desta afirmação está o CPDOC no Pirambu que atesta, pelo seu fazer cotidiano, algo que transcende a preservação da sequência linear dos fatos vivido na comunidade ou para render homenagens a uns poucos. Observa-se uma preocupação que reside no fato de que, além de criar arquivos, é preciso que eles “falem” à comunidade, principalmente aos mais jovens.

A memória, por sua vez, mergulha na inquietação. O que deixa a sensação de que há algo mais a ser escrito, muitas outras coisas a serem ditas. Assim, buscaram-se, de empréstimo, as palavras de Guimarães Rosa que diz “... porque a vida é mutirão de todos, por todos remexida e temperada.” Nessas memórias, há ainda muito o que remexer, numa relação de retorno, ou mesmo com o futuro.



XI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação

Inovação e inclusão social: questões contemporâneas da
informação

Rio de Janeiro, 25 a 28 de outubro de 2010

REFERÊNCIAS

ALVES, Márcio Moreira. **A Igreja e a política no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1979.

AMADO, Janaína, FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

BARREIRA, Irllys. **O Reverso das vitrines: conflitos urbanos e cultura política em construção**. Rio de Janeiro: Rio Fundo, 2002.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Memória sertão**. [s.n.t].

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. A Visão do historiador modernista. In.: FERREIRA, Marieta de Moraes, AMADO, Janaína (org.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

CPDOC. **Historiando o Pirambu**. Fortaleza: Seriartes, 1999.

FENTRESS, James, WICKHAM, Chris. **Memória social: novas perspectivas sobre o passado**. Lisboa: Teorema, 1992.

FERREIRA, Marieta de Moraes. Desafios e dilemas da história oral nos anos 90: o caso do Brasil. **História Oral**. São Paulo, Associação de História Oral. n. 1, jun./1998.

HARRIS, Kirsten, SHARNBERG, Ditte. Encontro com o “contador de história”: um processo de aprendizado mútuo. **História oral**. Revista da Associação de História Oral. São Paulo: v.3, n. 3, jun. 2000. p. 30-39.

HOBSBAWM, Eric. **Sobre História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. In.: BURKE, Peter (org.). **A Escrita da história: Novas Perspectivas**, São Paulo: UNESP, 1992.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Pro. História**, São Paulo, v. 10, dez. 1993.



XI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação

Inovação e inclusão social: questões contemporâneas da
informação

Rio de Janeiro, 25 a 28 de outubro de 2010

PASSERINI, Luisa. A “lacuna” do presente. In.: FERREIRA, Marieta de Moraes, AMADO, Janaína (org.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

PORTELLI, Alessandro. O Massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana, 29 de junho de 1944): mito e política, luto e senso comum. In.: FERREIRA, Marieta de Moraes, AMADO, Janaína (org.). **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996. 103-137.

THOMPSON, Paul. **A Voz do passado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VANISA, Jan. **La tradicion oral**. Barcelona: Labor, 1968.

ZUMTHOR, Paul. **Tradição e esquecimento**. São Paulo: Hucitec, 1997.